Tradução & Comunicação
Revista Brasileira de Tradutores
Nº. 23, Ano 2011

ESTEREÓTIPOS LINGUÍSTICOS: QUESTÕES TRADUTÓRIAS DERIVADAS DO TRATAMENTO DE FRASEOLOGISMOS EM DICIONÁRIOS BILÍNGUES[1]

Language stereotypes: translation issues originating from the treatment of phraseologisms in bilingual dictionaries

Angélica Karim Garcia Simão
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - IBILCE/Unesp
angelica@ibilce.unesp.br

RESUMO

Reconhecer as unidades fraseológicas de um texto ao traduzi-lo representa para o tradutor uma das grandes dificuldades impostas à sua tarefa de interpretação. Para além do simples reconhecimento, a identificação de um equivalente apropriado na língua de chegada, considerando seu registro de uso e a carga metafórica que encerra, dentre outros aspectos presentes em tais unidades, impõem ao tradutor um árduo trabalho de pesquisa e análise linguística. Analisamos aqui, além da organização da mega, macro e microestrutura, a tradução para o português de unidades fraseológicas em três dicionários bilíngues na direção espanhol/português, a saber: Señas – Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños (Universidad Alcalá de Henares), Diccionario Bilíngüe de Uso Español-Portugués/Português-Espanhol e o Gran Diccionario Español/Portugués/ Português/Espanhol. A análise é feita a partir de um levantamento abrangendo as unidades agrupadas pelo campo semântico 'nome de animal', especificamente as organizadas na entrada 'gato'. Embora a expressão de idéias afins seja comum a diferentes línguas e culturas, o maior ou menor grau de idiomatismo de algumas expressões pode ocasionar ao tradutor diferentes níveis de dificuldade ao tentar estabelecer equivalentes para os dois idiomas.

Palavras-Chave: fraseografia; fraseologia; tradução; língua espanhola.

ABSTRACT

Recognizing phraseological units when translating a text represents one of the major difficulties imposed on the task of interpretation by the translator. Beyond the mere recognition of the equivalent, its identification in the target language, considering the register and the enclosed metaphorical meaning, among other inherent aspects of such units, imposes to the translator a demanding research and linguistic analysis. In this paper we analyze, besides the organization of the mega- macro- and microstructure of some dictionaries, the translation into Portuguese of some phraseological units in three bilingual dictionaries Spanish / Portuguese: Señas – Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños (Universidad Alcalá de Henares), Diccionario Bilíngüe de Uso Español-Portugués/Português-Espanhol and the Gran Diccionario Español/Portugués/ Português/Espanhol. The analysis is based on the examination of the units grouped by the semantic field "name of animal", specifically organized into the headwork "cat". Although the expression of similar ideas is common to different languages and cultures, the greater or lesser degree of idiomatism of certain expressions may cause different levels of difficulty for the translator when trying to determine the equivalents for both languages.

Keywords: phraseography; phraseology; translation; Spanish.

[1] O presente trabalho foi apresentado durante o II Congresso Internacional de Fraseologia e Paremiologia & I Congresso Brasileiro de Fraseologia, realizado na cidade de Brasília, novembro/2011.

Anhanguera Educacional Ltda.

Correspondência/Contato
Alameda Maria Tereza, 4266
Valinhos, São Paulo
CEP 13.278-181
rc.ipade@aesapar.com

Coordenação
Instituto de Pesquisas Aplicadas e Desenvolvimento Educacional - IPADE

Artigo Original
Recebido em: 27/01/2012
Avaliado em: 05/03/2012

Publicação: 30 de março de 2012

1. INTRODUÇÃO

O âmbito de dicionários bilíngues que contemplam o par linguístico português/espanhol sofre carência no contexto brasileiro. De acordo com Rios (2010), apesar de haver um aumento do espanhol, ainda é lacunar a oferta de dicionários bilíngues português/espanhol que correspondam às expectativas e necessidades de aprendizes de idioma e tradutores. Tal afirmação pode-se estender também aos dicionários especializados e, especificamente, aos que se voltam à segmentação fraseológica[2].

A Fraseografia, definida por Carneado Moré (1985) como a disciplina que se ocupa da elaboração de métodos, teóricos e práticos, e dos princípios para a confecção, bem como da análise e classificação do conteúdo fraseológico presente em dicionários, constitui uma das ramificações mais novas da Linguística. De acordo com Ortega Ojeada e González Aguiar (2008) essa ramificação lexicográfica surgiu durante os anos 50 na ex União Soviética em função das diferentes nacionalidades integrantes da União e do interesse pela produção de dicionários bilíngues.

Neste trabalho analisamos a organização dos fraseologismos em três dicionários bilíngues português/espanhol, a saber: Señas – *Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños-Universidad Alcalá de Henares* (2000), *Diccionario Bilíngüe de Uso Español-Portugués/Português-Espanhol* (2006) e *Gran Diccionario Español/Portugués - Português/Espanhol*, (2001), doravante DS, DIBU e GDEP, respectivamente, focando a análise nas entradas relativas ao campo nome de animal, especificamente a entrada "gato", na direção espanhol/português. Nosso objetivo é estabelecer um contraste entre as diferentes técnicas fraseográficas empregadas em sua elaboração e na organização da mega, macro e micro estruturas dos dicionários, além de discutir a tradução dos equivalentes apresentados para as unidades fraseológicas (UFs). Selecionamos para a análise, de acordo com a classificação de Corpas Pastor (1996), as locuções e os enunciados fraseológicos, embora os segundos não tenham sido localizados nos verbetes analisados.

Para tanto, pretende-se analisar dentre os elementos da macroestrutura, o arranjo das entradas, a extensão da nomenclatura e a classificação dos lemas. Quanto à microestrutura, pretendeu-se observar as informações sobre a origem das UFs, marcas gramaticais, diastráticas, de transição semântica e os equivalentes tradutórios, foco central

[2] O Diccionario de Expresiones Idiomáticas - Español-Portugués, de Ana Belén García Benito, aborda as locuções verbais na direção espanhol - português peninsular, não o brasileiro.

da análise, considerando-se também a estrutura global do dicionário ou megaestrutura, isto é, a apresentação, os textos introdutórios e anexos. (Cf. ZAVAGLIA, 2010, p. 46).

2. ASPECTOS GLOBAIS – MEGAESTRUTURA

A escolha dos três dicionários, dois escolares ou médios e um dicionário padrão (BIDERMAN, 1984)[3], aqui listados, deve-se ao fato de que todos se definem como dicionários concebidos para o público brasileiro e são de ampla aceitação e utilização em contextos de ensino, inclusive universitário, sendo DS voltado a profissionais e, especialmente, a estudantes; o DIBU ao público em geral e, especialmente, estudantes e tradutores; e o GDEP[4] ao público geral, embora enfatize ser "uma ferramenta valiosa e eficaz" para o processo de aprendizagem do espanhol e do português.

O DS é composto de uma base monolíngue, constituída pelo *Diccionario para la Enseñanza de la Lengua Española,* elaborado pela Universidade de Alcalá de Henares, acrescida, ao fim de cada definição, de um termo equivalente em português. Tal equivalente é, no entanto, apresentado pelo editor como "uma *seña*, uma pista que facilita a compreensão e ajuda o estudante a estabelecer, por si mesmo, a ponte entre as duas línguas", evitando a solução pronta, o que, segundo ele, não seria didático.

Dentro de algumas taxonomias – por exemplo, a de Schimitz (1998) –, o DS poderia ser classificado como um dicionário semibilíngue, no entanto, adotamos aqui a mesma perspectiva de Welker (2007), que atesta que o argumento de que os dicionários semibilíngues não dão todas as informações que os bilíngues comuns fornecem não se sustenta, uma vez que há vários dicionários bilíngues que também não indicam mais do que o equivalente, como é o caso do GDEP, por exemplo, do qual trataremos mais adiante.

Cabe notar que o DS propõe-se a oferecer informações ortográficas, fonéticas, gramaticais, semânticas e pragmáticas com o intuito de "garantir um uso da língua correto e adequado a um determinado contexto", daí a inclusão de exemplos em cada acepção, a fim de uma delimitação mais específica desse contexto.

---

[3] De acordo com Biderman (1984, p. 27), o tamanho físico de um dicionário reflete a riqueza do repertório léxico nele incluído. Ela categoriza da seguinte forma os dicionários, considerando o número aproximado de verbetes que ele agrupa: 1) o dicionário infantil e/ou básico com 5.000 verbetes aproximadamente; 2) o dicionário escolar e/ou médio contendo 10.000 - 12.000 verbetes, podendo totalizar até 30.000 verbetes; 3) o dicionário padrão com uma média de 50.000 verbetes, aproximadamente; 4) os "thesauri" que podem incluir 100.000, 200.000, 500.000 verbetes.

[4] Além da versão impressa, o GDEP compõe a base dados on-line com acesso gratuito por meio do site http://www.wordreference.com/espt/

O DIBU, diferentemente do DS, que possui somente o equivalente proposto em língua portuguesa para a entrada em espanhol no final da definição de cada entrada, pode ser considerado um dicionário bilíngue tradicional: não apresenta definição para as entradas, no entanto apresenta no mínimo um equivalente em português para cada uma delas, bem como seus respectivos exemplos possuem um equivalente nas línguas portuguesa e espanhola, de acordo com a direção dos volumes do dicionário (português/espanhol e espanhol/português).

De acordo com os diretores da obra, o DIBU concede grande importância à equivalência semântica e ao seu uso em contexto, tentando, por outro lado, situar-se em um nível diferente do que se costuma conceber as relações léxicas entre o idioma português e o espanhol, não superestimando o paralelismo entre ambas.

Em função da complexidade das variantes dialetais das línguas portuguesa e espanhola, os diretores do DIBU justificam o uso de informações de natureza geográfica que aludem a países ou a regiões específicas, principalmente no caso do espanhol, ressalvando, obviamente, a heterogeneidade de uso lexical dentro da extensão de cada região referida. A marca "AMÉRICA" é empregada quando o uso da palavra não é característico da Espanha e "ARGENT" se é usada somente na Argentina e "AMÉR" se é usada no Chile, Caribe e América Central.

Cabe ressaltar também a ênfase dada pelos diretores às características de destaque da obra: o uso; o fato de ser um dicionário básico, embora a classificação que mencionamos anteriormente o insira dentro da categoria escolar ou médio; os exemplos; e o fato de ser um dicionário com "rica informação fraseológica".

O terceiro dicionário, GDEP, aqui classificado como dicionário padrão em função do número de verbetes, tem por objetivo atender as necessidades do consulente oferecendo "uma ampla cobertura das línguas portuguesa e espanhola atuais", além de incluir um número significativo de palavras próprias dos países hispano-americanos.

Na introdução do GDEP, tal qual ocorre no DIBU, não há nenhuma referência sobre como a base foi constituída, isto é, qual é a origem da nomenclatura. No entanto, nessa seção o leitor é informado sobre o uso sistemático de sinais indicadores (p. ex. *amer*, para entradas e acepções americanas; *irôn,* vozes ou acepções irônicas, *Gen*, para Genética, etc.), o que, segundo a informação, permite identificar a área ou âmbito de uso da palavra, possibilitando a "tradução correta com rapidez e precisão".

Embora essa ideia de "tradução correta" seja reiterada, logo abaixo, atrelada ao uso dos sinais indicadores: "estes, pelo fato de se indicar o contexto adequado, ajudam a localizar a tradução correta de uma determinada palavra ou expressão", o GDEP não se

apresenta, em suas páginas introdutórias, como um instrumento para tradutores e tampouco traz exemplos que auxiliem o consulente na delimitação do contexto de uso dos termos. Também não há informação sobre o número de verbetes presentes em cada direção (português/espanhol – espanhol/português), o que nos leva a crer que a delimitação de 100.000 entradas seja referente ao número total, estando dedicadas, desta forma, aproximadamente 50.000 para cada uma delas.

Como somente o DIBU e o DS trazem exemplos para as acepções, as seguintes considerações são feitas a esse respeito:

DS

> Os exemplos foram obtidos, em grande parte do Corpus VOX-Biblograf, embora muitos deles tenham sido adaptados, retocados ou matizados para retornar adequados aos fins da nossa obra. (página XVI)

DIBU

> Os exemplos são acompanhados, quando necessário, de informação pragmática, que ajuda a inseri-los em contextos situacionais [...] foram criados pelos próprios redatores da obra, embora estejam fundamentados em usos reais de ambas as línguas. (página VIII)

3. MACROESTRUTURA

Como tradicionalmente é feito nos dicionários bilíngues de uso geral, o arranjo dos fraseologismos dentro das entradas "gato" dos três dicionários aqui analisados é semasiológico, feito por palavra-chave, seguindo a ordem alfabética. A indicação desse tipo de organização é feita pelo DS, no item *Seleção e ordenamento das entradas* (p. X), na qual se esclarece a ordem *substantivo, verbo, adjetivo, advérbio, preposição*, para seleção da palavra chave ordenadora. O DIBU e o GDEP não esclarecem o consulente sobre como essa organização foi feita, embora empreguem a mesma sistemática.

A extensão da nomenclatura dos dicionários é: DS 22.000, DIBU 10.000 e GDEP 50.000, aproximadamente, sendo o DIBU um pouco maior na direção português/espanhol. Segundo Zavaglia (2010), a extensão dependerá também do tratamento que o lexicógrafo dará aos itens homônimos e polissêmicos: a introdução dos primeiros tende a aumentar, ao passo que a opção pelos segundos tende a diminuir a nomenclatura. No caso dos fraseologismos, tal escolha não afeta tanto a extensão da nomenclatura pelo fato de não abundarem UFs homonímicas, nem polissêmicas (Cf. WOTJAK, 1998, p.311).

4. MICROESTRUTURA

A cobertura fraseológica dos três dicionários é um pouco díspar. O DS registra na entrada "gato" seis fraseologismos, enquanto o DIBU registra sete e o GDEP somente quatro. Ortega Ojeada e González Aguiar (2008) advertem para o fato de que nos dicionários gerais costuma-se notar uma sensível desproporção, maior do que a real, entre as entradas constituídas por palavras simples e as constituídas por fraseologismos.

No entanto, o fato mais curioso é que o dicionário com maior número de entradas registra o menor número de fraseologismos, quase a metade dos demais. Ao mesmo tempo, o fator anunciado no DIBU em suas páginas de introdução como sendo de destaque, coloca-o, de fato, nessa posição com relação ao DS, uma vez que apresenta mais fraseologismos, embora tenha praticamente a metade da nomenclatura. Cabe destacar também que as UFs organizadas na entrada "gato" dos três dicionários coincidem em não registrar provérbios e tampouco fraseologismos que façam referência ao espanhol americano.

Tanto o GDEP, como o DIBU não fazem nenhum tipo de distinção ou classificação das unidades fraseológicas apresentadas. Já o DS faz referência a "locuções ou expressões" somente na *apresentação da edição espanhola*[5], página X:

> Na disposição interna de cada verbete, exceto nos casos em que alguma exigência formal tenha obrigado a proceder de outro modo, constam primeiro as acepções mais comuns ou usuais, a seguir os tecnicismos e, finalmente, a fraseologia (locuções ou expressões), considerando-se locuções as sequências de palavras em que não se pode modificar a ordem de seus componentes.

E mais adiante, na página XI:

> Procurou-se sempre facilitar ao máximo a busca dessas locuções, por isso algumas delas podem ser encontradas em várias entradas.

Quanto à escolha dos lemas, Ortega Ojeada e González Aguiar (2008) afirmam que a seleção para a composição de uma obra fraseográfica impõe-se como um dos principais desafios, dada a incessante criação de variantes produzidas pelo uso, daí a complexidade em se fixar um enunciado que servirá de modelo no dicionário.

Observamos na técnica fraseográfica empregadas nos três dicionários o mesmo recurso (separação por barra) para indicação de UFs variantes:

DIBU: **a los gatos/como los gatos**
DIBU: **aquí/ahí hay gato encerrado**
DIBU: **como gato panza arriba/boca arriba**
DS: **como ~ panza arriba/boca arriba**

[5] O dicionário traz uma nota indicada com asterisco (*) dizendo que *A apresentação da edição espanhola* refere-se à apresentação do dicionário monolíngue que serviu de base para a elaboração do dicionário Señas.

Podemos notar que tanto o DIBU como o DS optam por registrar as mudanças léxicas, reunindo um maior número de variantes, enquanto o GDEP opta por apresentar uma única forma para os fraseologismos:

DIBU: **aquí/ahí hay gato encerrado**
GDEP: **aquí hay g. encerrado**

Também é interessante notar que o GDEP opta pela forma impessoal do verbo, **aquí hay g. encerrado, ao contrário da opção com o verbo no infinitivo que o** DS utiliza, **haber ~ encerrado,** e diferente também, inclusive, do padrão que estabelece para outros fraseologismos lematizados na entrada "gato" que apresentam os verbos em sua forma infinitiva:

GDEP: haber cuatro gatos
GDEP: **dar g. por liebre**
GDEP: **llevarse el g. al agua**

Embora, a princípio, tal fato possa ser interpretado como falta de homogeneidade na padronização dos lemas, também pode apontar para uma possível padronização dos fraseologismos lematizados no GDEP, semelhante a de outros dicionários, ao utilizar o infinitivo somente para situações em que o verbo da expressão possa ser conjugado livremente, diferenciando tais fraseologismos, portanto, daqueles em que o verbo costuma ser utilizado em determinado tempo, como é o caso da impessoalidade da referida unidade. No entanto, tais asserções só poderão ser confirmadas após a análise mais detalhada das demais entradas do dicionário.

Além de apresentar somente uma forma, o GDEP não distingue os elementos opcionais das UFs, isto é, elementos que podem ser substituídos por outros ou que podem não fazer parte da delimitação da UF, como é o caso, por exemplo, do lema **cuatro gatos/haber cuatro gatos:**

DS: cuatro gatos
DIBU: cuatro gatos
GDEP: haber cuatro gatos

O verbo "haber", que também pode ser substituído na expressão pelos verbos "ser"e "estar", dentre outros, não é apresentado como um elemento opcional, que pode ser substituído por outros, embora possa, como atestam os exemplos abaixo extraídos do CREA:

> *El dictador hace como si no tuviera la menor importancia la actitud del Rey, al que unos meses antes había ofrecido la "jefatura total del Pueblo y los Ejércitos" y le espeta al general "que los monárquicos éramos* cuatro gatos *y que la Falange había echado raíces sólidas".*

> *Los conciertos para la galería de "vacanciers" […] deja paso a las mejores sesiones que uno pueda imaginar: para entonces ya sólo quedan* cuatro gatos *en las zonas de esparcimiento, pero esos cuatro, si deciden coger el automóvil para escuchar música, lo hacen con un espíritu muy distinto.*

Tal fato, além de influenciar na classificação gramatical da locução, como no caso citado, por exemplo, em que a locução "cuatro gatos" seria nominal, ao passo que "haber cuatro gatos" seria verbal, também pode vir a restringir a inferência sobre as possibilidades de uso por parte do consulente, uma vez que este pode ser levado a crer que se trata de uma construção fixa que só ocorre com o verbo "haber", o que não é verdade, daí a importância em se delimitar adequadamente o que é facultativo ou não.

O GDEP também traz várias indicações em destaque, relacionadas ao uso de tabuísmos ou termos cuja equivalência nas duas línguas possam divergir em função das diferenças culturais implicadas nos contextos de uso do português e do espanhol, indicadas na seção "*Cómo consultar este dicicionario*" (página X), denominadas "*observações léxicas, gramaticais ou de conteúdo cultural*".

Vejamos os exemplos abaixo, tal qual elas se apresentam na obra referentes às entradas *joder, doctorado coger* e *cojonudo*:

A palavra *joder* tem sentido vulgar e se deve ter cuidado ao empregá-la, pois a tolerância aos palavrões no Brasil é menor que na Espanha.

O *doctorado* na Espanha poder ser realizado apenas com o término da carreira universitária e será convalidado no Brasil como **mestrado** ou **doutorado** dependendo da quantidade de horas do curso e da forma e conteúdo da tese.

O verbo *coger* em alguns países da América Latina significa *realizar* o *ato sexual* e é uma palavra vulgar; por isso se deve ter cuidado com seu uso e substituí-la, quando seja necessário, pelos verbos *agarrar* ou *tomar*.

A palavra *cojonudo,a* se usa com muita freqüência no espanhol coloquial e perdeu um pouco a sua vulgaridade, no entanto isto não acontece em português. Por isso, ainda que a tradução exata seria **de foder**, é recomendável, na maioria das vezes, usar **demais.** .

Nenhum dos três dicionários analisados traz informações sobre a origem dos fraseologismos. Também não há informações de natureza gramatical que possam indicar que função tais fraseologismos podem desempenhar quando em situação de dependência sintagmática.

No entanto, o GDEP traz indicação de marcas diastráticas (socioculturais: coloquial, familiar, popular, etc.) e de transição semântica para as locuções apresentadas. No GDEP os fraseologismos são introduzidos após as entradas léxicas, como no DS e no DIBU, porém isto se faz por meio da indicação *Loc,* sem detalhar, no entanto, a categoria

gramatical da locução. Após a entrada do fraseologismo há a marca de transição semântica *fig* (figurado), seguida da marca diastrática *fam*, separadas por "&", como no exemplo:

aquí hay g. encerrado *fig* & *fam* nesse mato tem cachorro;

Todos os fraseologismos apresentados pelo GDEP na entrada "gato" possuem as indicações *fig* & *fam* (figurado e familiar). Os fraseologismos apresentados pelo DS e pelo DIBU não trazem nenhum tipo de marca diastrática ou diafásica (formal/informal).

Do nosso ponto de vista tais indicações parecem ser fundamentais aos dicionários bilíngues, uma vez que o público consulente previsto para esse tipo de obra é justamente aquele que busca informações sobre uma língua estrangeira da qual, geralmente, desconhece os contextos de uso. Zanata (2006) pontua ainda que o caráter normativo dessas marcas reside no fato de que marcar uma acepção como *informal, pejorativo, culto* ou como *tabuísmo*, por exemplo, é um modo de indicar ao consulente sobre usos que sejam mais ou menos restritos ou adequados a determinados contextos. Ela cita como exemplos palavras como *caralho, puta* e *bosta,* marcados como *tabuísmo* e/ou *pejorativo* no Dicionário Houaiss (2001) e *cabrear* e *cabrón, m*arcadas como *vulgar* no Diccionario de Uso del Español (1999), para argumentar que tais termos têm um âmbito de uso bastante restrito.

Além das marcas diastráticas e de transição semântica, também é interessante notar que as caixas de texto denominadas "*observações léxicas, gramaticais ou de conteúdo cultural*" fazem referência a somente cinco locuções em todo dicionário, apenas na direção espanhol/português. São elas:

tomar la alternativa (apresentado na entrada *alternativa*)[6];
estar cagado (de miedo) (apresentado na entrada *cagado*, a)[7];
el quinto coño (apresentado na entrada *coño*)[8];
ser el copón (apresentado na entrada *copón*)[9];
¡una leche! (apresentado na entrada *leche*)[10];

As observações feitas no GDEP sobre tais fraseologismos são:

[6]A expressão **tomar la alternativa** define a realização de una cerimônia de tauromaquia na qual um toureiro tem o direito, concedido por outro toureiro veterano, de matar pela primeira vez touros em lugar de novilhos. Por extensão, se utiliza em sentido figurado para ilustrar que alguém se inicia em alguma atividade.

[7]Em espanhol a expressão **cagarse** (em algo ou alguém) é muito utilizada.

[8]Deve-se ter cuidado com os palavrões em português, pois a tolerância é menor que em espanhol. Sugerem-se diversas traduções cujo grau de vulgaridade é ascendente, devendo ser usadas conforme o ambiente, o interlocutor e a oportunidade.

[9] No Brasil existe menos tolerância a expressões vulgares, assim, ao traduzir certas expressões, como **del copón**, se deve cuidar em utilizar do cassete ou danado conforme o contexto e o público.

[10] Ainda que **leche** seja uma palavra normal em muitas locuções tem sentido vulgar. As traduções têm matizes por ordem crescente de vulgaridade que devem ser avaliados segundo as circunstâncias.

Dessa forma, de acordo com os elementos presentes na organização da microestrutura dos três dicionários, podemos representá-los do seguinte modo:

Dicionário	Marcas	Definição	Equivalente	Exemplo
DS	----------	espanhol	português	Espanhol
DIBU	----------	----------	português	Espanhol Português
GDEP	Diastrática Transição semântica	----------	português	----------

Passaremos agora à análise das equivalências apresentadas nos dicionários, únicos elementos presentes nas três obras simultaneamente.

5. A TRADUÇÃO DOS FRASEOLOGISMOS PRESENTES EM DS, DIBU E GDEP

A tradução de unidades fraseológicas representa para o tradutor uma das grandes dificuldades impostas à sua tarefa de interpretação, pois a identificação de um equivalente apropriado na língua de chegada e de como empregá-lo adequadamente, considerando seu registro de uso, a carga metafórica que encerra, os diferentes níveis de equivalência entre as línguas, dentre outros aspectos presentes em tais unidades, impõem-lhe uma árdua tarefa de pesquisa linguística.

Mira Álvarez (2011, p. 107) descreve da seguinte forma o processo de tradução de UFs:

> [...] sua tradução apresenta obstáculos adicionais, uma vez que além de estabelecer equivalências de designação no nível lexical e sintático, o tradutor deve atender às intenções conotativas, de estilo, do efeito desejado nos receptores, de valores simbólicos, culturais, etc., dos enunciados. Na maior parte dos casos, não é possível conservar todos esses fatores, de modo que a tradução converte-se em uma busca de equivalências, na qual se sacrificam alguns aspectos e conservam-se outros.

Uma das tendências de tradução dos dicionários gerais é a de manter o mesmo actante ao propor uma unidade fraseológica equivalente. Sevilla e Sevilla (2004) apresentam técnicas para a tradução de provérbios e frases proverbiais baseadas na utilização do actante como elo de conexão entre a expressão original e seu equivalente na língua de destino, entendendo por actante "aquele que realiza a ação indicada pelo verbo (intransitivo) ou o grupo verbal formado pelo verbo e seu objeto (transitivo), ou as unidades de seres ou coisas que participem no processo expressado pelo verbo" (SEVILLA MUÑOZ, 2009).

Os paralelismos do tipo estrutural, conceitual, situacional, cultural, dentre outros, justificam graus mais ou menos precisos de equivalência em sua formulação linguística de

significados ou conteúdos similares. Combinando os critérios de correspondência formal e semântica, incluindo a falta de correspondência e a paráfrase explicativa, vários autores (ZULUAGA, 1998; BAKER, 1992; HERRERO CECILIA, 2006) mencionam diferentes níveis de equivalência para a tradução de fraseologismos.

Recorremos a outros dicionários gerais e especializados em fraseologismos para discutir as nuanças de significados apresentados pelos dicionários aqui analisados. São eles **DUE** - Diccionario de uso de la lengua (MARÍA MOLINER, 2008); **DRAE -** Diccionario de la lengua española de la Real Academia Española, (http://www.rae.es/rae.html); **GDLE** - Gran Diccionario de la Lengua Española (LAROUSSE, 1998); **DFDEA** - Diccionario fraseológico documentado del español actual (SECO et al., 2006); **GDFH -** Gran Diccionario de Frases Hechas (LAROUSSE, 2001) e **DFEM -** Diccionario fraseológico del español moderno (VARELA; KUBARTH, 1994). Vejamos como se dão tais equivalências nas amostras selecionadas para esta análise:

A gatas

DS: **a gatas =** de gatinhas
DIBU: **a gatas =** engatinhando, de gatas/gatinhas, de quatro

O DS opta somente pelo equivalente "de gatinhas", enquanto o DIBU fornece as variações "de gatas/de gatinhas", além do verbo "engatinhar" no gerúndio e a locução sinônima "de quatro". Embora os dicionários brasileiros registrem a locução adverbial "de gatinhas", sabemos que seu uso é muito mais restrito no Brasil, onde o verbo "engatinhar" e a corruptela "de gatinho" parecem apresentar uma tendência maior de uso na linguagem oral, ao menos na região sudeste do país, e a locução mais usada em contextos literários ou técnicos.

Notamos, ao comparar os equivalentes propostos pelos dois dicionários, a concretização da proposta descrita nas páginas introdutórias do DIBU que é a de situar-se em um nível diferente do que se costumam conceber as relações léxicas entre a língua portuguesa e espanhola, não enfatizando o paralelismo entre ambas. Embora apresente o equivalente estrutural e semântico, portanto, mais "paralelo" à língua portuguesa, também apresenta outros equivalentes de uso que não estabelecem equivalência formal com a entrada, mas que se configuram como equivalentes de uso.

Como gato panza o boca arriba

DS: **como ~ panza arriba/boca arriba =** estar de pé atrás
DIBU: **como gato panza arriba/boca arriba =** com unhas e dentes; (vir) com quatro pedras na mão

É interessante notar, nas equivalências apresentadas pelos dois dicionários, a opção por uma UF, tendência de grande parte das obras fraseográficas – neste caso, no entanto, sem a manutenção do mesmo actante. Contudo, o que nos chama ainda mais a atenção é o equivalente "estar de pé atrás", proposto pelo DS, frente a "com unhas e dentes" e "com quadro pedras na mão", opções do DIBU, uma vez que o conteúdo semântico dessa UF em espanhol é sempre remetido a "uma atitude de defesa desesperada, irritada, enfurecida", como encontramos no DFEM, no DUE e no DRAE.

Houaiss registra como significado "com reservas, desconfiadamente" e o dicionário Caldas Aulete "de maneira hesitante; com desconfiança ou com má vontade" para "com o pé atrás", praticamente o oposto a uma ação desesperada ou enfurecida, retomadas nas expressões "com unhas e dentes" e "com quatro pedras na mão" do DIBU, que propõe equivalentes semânticos para o fraseologismo.

Cuatro gatos

DS: **cuatro gatos =** uns gatos-pingados
DIBU: **cuatro gatos =** meia dúzia de gatos pingados
GDEP: haber cuatro gatos = ter quatro gatos-pingados

No caso da UF acima, notamos que os equivalentes tradutórios apresentados parecem estar motivados pelo componente numérico da UF. O dicionário Houaiss registra a palavra composta "gato-pingado" cuja definição é "indivíduo pago para acompanhar enterro a pé, empunhando uma tocha, por ext. cada um daqueles (quando são poucos) que comparecem a reunião ou espetáculo, ou participam de agrupamento".

O valor numérico presente na UF em espanhol não retoma a realidade numérica extralinguística de uma situação, mas sim, em seu conjunto, a ideia de poucas pessoas, tal qual o termo gato-pingado/gatos-pingados no português. No entanto, os equivalentes propostos são acompanhados de valores numéricos "uns", "meia dúzia", "quatro" que parecem refletir a busca de um equivalente aproximado, senão exato, para a UF.

Diaz Fouces (1999) retoma o trabalho de Abderrahim Elamane (1996) para discutir o que ele considera "problemas particulares da tradução entre pares de línguas próximas" e a taxonomia de tais dificuldades. Dentre os fatores implicados ele cita a "hipnose da língua original" caracterizada como o uso de fórmulas e expressões próprias da língua original na língua de chegada, quando não são naturais desta, cujo uso é feito de forma inconsciente por parte do tradutor. Trata-se de uma série de procedimentos que podem ser observados na prática tradutória e que afetam as escolhas léxicas e sintáticas dos tradutores motivados pela suposta proximidade entre as línguas.

Dar gato por lebre

DS: **dar** ~ **por liebre =** vender gato por lebre
DIBU: **dar gato por liebre =** vender gato por lebre
GDEP: **dar g. por liebre =** vender gato por lebre

Neste caso observamos que os três dicionários propõem equivalentes nos quais se utiliza o mesmo verbo "vender", e desconsideram as variantes "levar/comprar/comer gato por lebre" da expressão, uma vez que a expressão lematizada pela entrada é o verbo "dar" que coloca como o actante da ação o sujeito que engana (dá ou vende) e não aquele que é enganado (compra, come ou leva). Um procedimento bastante coerente, embora não apresente opções ao consulente.

Haber gato encerrado

DS: **haber** ~ **encerrado =** ter coelho nesse mato
DIBU: **aquí/ahí hay gato encerrado =** aí tem coisa
GDEP: **aquí hay g. encerrado =** nesse mato tem cachorro

Para a locução verbal "haber gato encerrado" observamos a mudança do actante por outro actante animal nos equivalentes propostos pelo DS (coelho) e pelo GDEP (cachorro). Talvez pelo critério de uso e frequência, ambos tenham privilegiado a mudança do actante, embora a expressão "ter gato na tuba", não apresentada por nenhum dos três dicionários, seja bastante estendida em contexto brasileiro e se aproxime da UF espanhola no nível semântico, além de preservar o mesmo actante.

Llevarse el gato al agua

DS: **llevarse el** ~ **al agua =** levar a melhor
DIBU: **llevarse el gato al agua =** levar a melhor, vencer
GDEP: **llevarse el g. al agua =** levar a cruz ao calvário

O GDEP opta, nesse caso, pelo fraseologismo "levar a cruz ao calvário" enquanto o DS e o DIBU optam pela colocação "levar a melhor", e o segundo ainda inclui o verbo "vencer".

É interessante notar que o DUE oferece duas entradas para essa UF, a primeira com a presença da partícula **se** e a segunda sem, com dois sentidos diferentes atribuídos para cada uma delas:

> **Llevar el gato al agua** (gralm. en frases interrogativas). *Ser cierta persona, entre varias, la que se *atreve a hacer frente a una dificultad.* Þ Poner el *cascabel* al gato.
>
> **Llevarse el gato al agua** (inf.). *Conseguir alguien sus propósitos frente a otros.

Os dois usos apresentados também parecem estabelecer uma nuança entre os sentidos: o primeiro, sem a partícula **se**, para valorizar o esforço em se realizar a ação, e o segundo, com a partícula **se,** valorizando a vitória, a conquista em si.

No DRAE os dois significados aparecem na mesma entrada, lematizada sem a partícula **se:**

> **Llevar el gato al agua**
>
> 1. fr. fig. y fam. Superar una dificultad o arrostrar el riesgo de una empresa. Ú. m. en la frase interrogativa ¿quién lleva, o quién ha de llevar, el gato al agua?
>
> 2. Triunfar en una competencia, salir ganancioso

O DFEM apresenta a partícula como um elemento optativo, usando para isso a indicação entre parênteses (se):

> **llevar(se) u. p. el gato al agua** (inf.) *Vencer a alguien en una contienda o discusión*: "Cada uno quería hacer una cosa distinta y al final fue mi padre el que se llevó el gato al agua e impuso su opinión a los demás".

No GDFH aparecem as duas variantes juntas, atreladas ao sentido que privilegia a vitória da conquista:

> **llevar,** o **llevarse, el gato al agua.** Frase familiar que significa 'conseguir una persona lo que se había propuesto en competencia con otras', 'vencer': *Más de cien personas se disputaban el premio literario pero fue Adolfo quien se llevó el gato al agua.*

Embora evidenciar a falta de uniformidade entre tais dicionários não seja o foco desta análise, é pertinente apontar que para o consulente tal falta de homogeneidade leva a confusão e a dúvida sobre as nuanças de uso que podem estar atreladas ao uso ou à elisão da partícula.

Olímpio de Oliveira Silva (2007) atesta que o caráter facultativo da partícula **se** pode ser considerado um índice de variação fraseológica, a qual, de acordo com a tradição lexicográfica, pode ser indicada pelo uso de parênteses, procedimento que para ser aplicado de modo sistemático e coerente implica na revisão de todas as locuções nas quais tal uso pode ser de fato opcional e na reflexão sobre a possibilidade de indicar tal característica por meio de uma abreviatura ou uma explicação sobre o uso pronominal do verbo.

Atendo-nos ao critério semântico dos equivalentes propostos no DS, DIBU e GDEP, as nuanças de sentido indicadas em "levar a melhor, vencer", valorização da vitória em se realizar um feito; enquanto "levar a cruz ao calvário", valorização da

dificuldade, do esforço empreendido para realizar a ação, tal qual atesta Houaiss; como "concluir tarefa penosa"; todas levariam o consulente a escolhas diferenciadas motivadas pelos objetivos de uso da expressão, sem relacioná-las, no entanto, ao fato de existir ou não uma partícula que possa diferenciar tais nuanças de sentido, ou seja, se a presença da partícula acarreta não somente uma combinação sintática diferente, mas também uma variação de seu significado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um modo geral, podemos concluir que a ausência de informações sobre os métodos e princípios de elaboração fraseográfica nos prólogos das obras consultadas dificulta a análise de suas macro e microestruturas. Além disso, tal fato também dificulta a análise do consulente que busca por informações mais detalhadas sobre os fraseologismos, muitas inexistentes nos dicionários analisados, como marcas gramaticais, diastráticas, diafásicas, diatópicas, diacrônicas, de transição semântica e, inclusive, a origem das locuções, dentre outras que um dicionário bilíngue pode e, do nosso ponto de vista, deveria contemplar.

No entanto, cabe distinguir as adequações que devem ser feitas aos tipos de usuários para os quais a obra é dirigida. Os dicionários escolares costumam prescindir, ou ao menos deveriam, das informações técnicas presentes na parte introdutória dos dicionários que muitas vezes auxiliam e interessam mais aos especialistas, lexicógrafos, linguistas, tradutores, etc.

Nos dicionários analisados aqui acabamos por detectar certo "hibridismo" ou uma falta de conexão no que concerne a especificação do usuário com a proposta do dicionário: DS se define como voltado a profissionais e, especialmente, a estudantes; o DIBU ao público em geral e, especialmente, estudantes e tradutores, e o GDEP ao público geral e estudantes.

Os "profissionais" mencionados pelo DS podem ser tanto profissionais em geral que utilizarão a língua como instrumento de comunicação, quanto professores de espanhol como língua estrangeira, por exemplo, que necessitarão de informações mais detalhadas sobre as entradas do dicionário, sejam elas lexicais ou fraseológicas.

O mesmo fato pode ser apontado no DIBU, que se dirige ao público em geral, além de estudantes e tradutores, colocando esses dois últimos no mesmo patamar. Sabemos que as necessidades de um estudante de Letras ou de um tradutor são muito diferentes e mais específicas do que as de um estudante de línguas estrangeiras de um

curso livre, por exemplo. Ao colocar estudantes e tradutores no mesmo patamar, somos levados a pensar que a referência "estudante" é feita aos alunos de Letras, o que aumenta as exigências a respeito dos conteúdos e da forma como são organizados pelo dicionário.

O caso do GDEP é diferenciado, pois este direciona a obra para o público em geral; contudo, observamos na parte introdutória a presença das afirmações "tradução correta com rapidez e precisão" e "tradução correta de uma determinada palavra ou expressão", além de encontrarmos nas caixas de texto denominadas "*observações léxicas, gramaticais ou de conteúdo cultural*" sugestões de tradução, tais como:

> *"Por isso, ainda que a tradução exata seria **de foder**, é recomendável, na maioria das vezes, usar **demais.**"*
>
> *"Deve-se ter cuidado com os palavrões em português, pois a tolerância é menor que em espanhol. Sugerem-se diversas traduções cujo grau de vulgaridade é ascendente, devendo ser usadas conforme o ambiente, o interlocutor e a oportunidade."*
>
> *"No Brasil existe menos tolerância a expressões vulgares, assim, ao traduzir certas expressões, como **del copón**, se deve cuidar em utilizar **do cassete** ou **danado** conforme o contexto e o público."*
>
> *"Ainda que **leche** seja uma palavra normal, em muitas locuções tem sentido vulgar. As traduções têm matizes por ordem crescente de vulgaridade que devem ser avaliados segundo as circunstâncias".*

Sem considerar as abordagens implícitas e, no mínimo, questionáveis nos termos "correta", "precisão" e "exata" associados ao ato tradutório, tais orientações parecem sugerir que tradutores possam se configurar como possíveis usuários da obra, o que os enquadram também como um consulente com exigências do mesmo nível que o público geral, perspectiva bastante duvidosa.

Dessa perspectiva é que surge, no entanto, a preocupação com a falta de delimitação de uma forma canônica da UF no que concerne aos elementos que possam ser considerados opcionais ou obrigatórios, como verbos e partículas, como a partícula *se,* ou os numerais e valores numéricos, *quatro* e *meia dúzia,* apresentados na seção de análise anteriormente.

Também é fundamental atentar para o suposto paralelismo entre línguas próximas que muitas vezes não condizem com a realidade de uso social que se faz dos idiomas e deixa o tradutor a mercê do poder hipnótico que tais línguas exercem durante o processo tradutório.

A afirmação do DS presente na introdução do dicionário "Procurou-se sempre facilitar ao máximo a busca dessas locuções, por isso algumas delas podem ser encontradas em várias entradas", não se concretizou na prática. Dos fraseologismos

apresentados na entrada "gato", nenhum pode ser encontrado nas outras entradas do DS, seja nos substantivos "panza", "cuatro", "liebre", "agua", ou a do verbo "encerrar". Tal recurso pode ser de grande utilidade para o consulente, embora, obviamente, saibamos das limitações de espaço que um dicionário impresso possui para se valer de tal recurso, sobretudo, se comparado aos dicionários em bases digitais.

Embora em suas páginas introdutórias o DS esclareça que o equivalente proposto seja "uma *seña*, uma pista que facilita a compreensão e ajude o estudante a estabelecer, por si mesmo, a ponte entre as duas línguas", nem sempre o consulente tem consciência desse fato, encarando o registro que é fornecido pelo dicionário como um instrumento decisivo para a escolha dos equivalentes a serem utilizados por ele. Tal fato torna-se ainda mais agravante ao considerarmos o fornecimento de um único equivalente para uma unidade fraseológica, baseado na noção, às vezes equivocada, do paralelismo entre as línguas portuguesa e espanhola.

Nesse aspecto, o DIBU apresenta uma proposta mais interessante no que concerne a sugestão de vários equivalentes diferentes para os fraseologismos, proposta essa coerente com a argumentação introdutória que diz dar valor "à equivalência semântica e ao seu uso em contexto". Isso se justifica ao pensarmos, por exemplo, no processo tradutório – para citar um exemplo de uso do dicionário como ferramenta de consulta – que exige do tradutor constantes elaborações e adequações das línguas com as quais trabalha em função de inúmeras variáveis implicadas nos diferentes contextos, de partida e de chegada, com os quais trabalha.

A presença de equivalentes diferenciados amplia a pesquisa linguística, além de proporcionar a possibilidade da escolha de um equivalente que preserve o mesmo actante, fato que também pode apresentar grande relevância para o tradutor, se considerarmos as diferentes necessidades de reelaboração durante processo tradutório, tais como: adequações contextuais, em função de diferenças culturais, sociais, geográficas, políticas, dentre outras, dos contextos de partida e de chegada; adequação ao suporte no qual o texto traduzido será veiculado em relação ao suporte do texto original; adequações ao público ao qual será dirigida a tradução, diferente do público receptor do texto original; matizes linguísticos de natureza diversa, se considerarmos a tradução de textos literários; simplificações, amplificações e paráfrases, se considerarmos os textos de divulgação e informativos, etc.

Cabe salientar que o DIBU supera o DS em um fraseologismo, o que poderia ser considerado pouco, de uma perspectiva comparativa, mas, no entanto, se levamos em consideração que a nomenclatura do DIBU (10.000) é, praticamente, a metade do DS

(22.000), podemos afirmar que o dicionário cumpre sua proposta inicial de dicionário médio, embora se auto-intitule básico, como uma obra "rica em fraseologismos", o que pode levar o consulente a uma valoração adequada no ato da aquisição do dicionário, ou mesmo da consulta. Antes de argumentarmos sobre as várias unidades fraseológicas compostas com a palavra "gato" existentes em língua espanhola que foram omitidas da nomenclatura, não podemos perder de vista, obviamente, que se trata de obras "escolares" ou "médias", o que restringe consideravelmente tal perspectiva.

FRASEOLOGISMOS DOS DICIONÁRIOS ANALISADOS

Fraseologismos do Dicionário Señas (DS)

- **a gatas**, con las manos y las rodillas apoyadas en el suelo: *el bebé aún no sabe andar, pero va a todas partes a gatas.* ▫ **de gatinhas**
- **como ~ panza arriba/boca arriba**, en actitud de defensa: *después de la pelea no se podía hablar con él: estaba como ~ panza arriba* ▫ **estar de pé atrás**
- **cuatro gatos,** poca gente: *la fiesta fue muy aburrida porque sólo estábamos cuatro gatos* ▫ **uns gatos-pingados**
- **dar ~ por liebre,** engañar; dar una cosa de menor calidad en lugar de la que se desea: *no voy a ese restaurante porque siempre te dan ~ por liebre.* ▫ **vender gato por lebre**
- **haber ~ encerrado,** haber una causa o una razón oculta o secreta: *dicen que el viaje es de placer, pero yo creo que hay ~ encerrado.* ▫ **ter coelho nesse mato**
- **llevarse el ~ al agua,** ganar; conseguir un éxito o una victoria: *íbamos empatados, pero al final me llevé el ~ al agua.* ▫ **levar a melhor**

Fraseologismos do Dicionário Bilíngue de Uso Español/Portugués (DIBU)

- **a gatas,** engatinhando, de gatas/gatinhas, de quatro: *el niño se recorre la casa a gatas=o garotinho anda pela casa inteira engatinhando.* ☞ ***gatear***
- **a los gatos/como los gatos,** de qualquer jeito, por cima: *Lucio se ha arreglado a lo gato y se ha ido al cine=Lúcio se arrumou de qualquer jeito e foi ao cinema;*
- **como gato panza arriba/boca arriba,** com unhas e dentes; (vir) com quatro pedras na mão: *mi amigo tuvo una pelea y se defendió como gato panza arriba=meu amigo se meteu em uma briga e se defendeu com unhas e dentes; después de la pelea no se podia hablar con él: estaba como gato panza arriba=depois da briga não dava para falar com ele: ele vinha com quatro pedras na mão;*
- **cuatro gatos,** meia dúzia de gatos pingados: *en mi casa somos cuatro gatos: mi padre, mi madre y yo=na minha casa somos meia dúzia de gatos pingados: minha mãe, meu pai e eu;*
- **dar gato por liebre,** vender gato por lebre: *le pedí al carnicero carne de solomillo y me dio gato por liebre=pedi ao açougueiro filé* mignon *e ele me vendeu gato por lebre.* ☞ ***engañar***
- **aquí/ahí hay gato encerrado,** aí tem coisa: *me han llamado diciendo que me ha tocado un viaje, pero yo creo que ahí hay gato encerrado=ligaram para mim dizendo que ganhei uma viagem, mas acho que aí tem coisa;*
- **llevarse el gato al agua,** levar a melhor, vencer: *Hugo se quedó finalista en el concurso y se llevó al gato al agua=o Hugo ficou como finalista no concurso e levou a melhor.* ☞ ***ganar, vencer.***

Fraseologismos do Gran Diccionario Español/Portugués (GDEP)

Loc: ✦ **aquí hay g. encerrado** *fig* & *fam* nesse mato tem cachorro;
✦ **dar g. por liebre** *fig* & *fam* vender gato por lebre;
✦ **haber cuatro gatos** *fig* & *fam* ter quatro gatos-pingados;
✦ **llevarse el g. al agua** *fig* & *fam* levar.

REFERÊNCIAS

BAKER, Mona. **In Other Words**: a coursebook on translation. London: Routledge, 1992.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo Biderman. O dicionário padrão. **Revista Alfa**, v. 28. São Paulo, 1984, p.27-43.

CARNEADO MORÉ, Zoila V. **La fraseología en los diccionarios cubanos**. Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1985.

CORPAS PASTOR, Gloria. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.

DIAZ FOUCES, Oscar. **Didáctica de la traducción** (portugués-español). Vigo: Servicio de Publicación de la Universidad de Vigo, 1999.

HERRERO CECILIA, Juan. La teoría del estereotipo aplicada a un campo de la fraseología: las locuciones expresivas francesas y españolas. **Espéculo** (Revista de Estudios Literarios – Universidad Complutense de Madrid) Disponível em: http://www.ucm.es/info/especulo/numero32/teoreste.html. Acesso em: 27 out. 2009.

MIRA ALVAREZ, Germán Darío. La equivalencia en la traducción de unidades fraseológicas: un estudio empírico. **ÍKALA** – Revista de lenguaje y cultura. V. 16, n°27 (enero-abril), Antioquia, 2011, p. 105-131.

OLÍMPIO DE OLIVEIRA SILVA, Maria Eugenia. **Fraseografia teórica y práctica**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2007.

ORTEGA OJEADA, Gonzalo e GONZÁLEZ AGUIAR, María Isabel. La técnica fraseográfica: el DRAE-2001 frente al DEA-1999. In: MELLADO BLANCO, Carmen (Ed.) **Colocaciones y fraseología en los diccionarios**. Germany: Peter Lang, 2008, p.233-246.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CREA) [en línea]. **Corpus de referencia del español actual**. <http://www.rae.es> [23/09/2011]

RIOS, Tatiana Helena Carvalho. **A descrição de idiomatismos nominais**: proposta fraseográfica português/espanhol. 2010. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

SEVILLA MUÑOZ, Julia & SEVILLA MUÑOZ, Manuel. **La técnica actancial en la traducción de refranes y frases proverbiales**. El Trujamán.

Disponível em http://cvc.cervantes.es/trujaman/anteriores/noviembre_04/08112004.htm. Acesso em 04/04/2011.

SEVILLA MUÑOZ, Manuel. Procedimientos de traducción (inglês-español) de locución es en contexto. **Paremia**, v. 18, 2009, p. 197-207.

SCHIMITZ, John Robert. A problemática dos dicionários bilíngues. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. Vol. 1, p. 161- 170.

WELKER, Herbert Andreas. Lexicografia pedagógica: definições, história, peculiaridades. In: HUMBLÉ, Phillipe René Marie, XATARA, Claudia e BEVILACQUA, Cleci (Eds.). **Lexicografia Pedagógica**: pesquisa e perspectivas, NUT, 2007. E-book (http://www.cilp.ufsc.br/LEXICOPED.pdf) ISBN 978-85-88464H-0-0.

WOTJAK, Gerd.¿Cómo tratar las unidades fraseológicas (UF) en el diccionario. In: _____. (Org.) **Estudios de fraseologia y fraseografía del español actual**. Madrid: Iberoameicana, 1998.

ZANATTA, Flávia. **A polissemia do termo "uso"**: análise de dicionários de uso do português e do espanhol. Em <http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/9_flavia.htm#_edn1> Acesso: 03/09/2011.

ZAVAGLIA, Claudia. **Os dicionários infantis**: uma análise de suas microestruturas. Relatório de estágio de pós-doutorado. Universidade Presbiteriana Mackenzie 2010. 106p. http://www.claudiazavaglia.com/Formacao_files/2010_dicionarios_infantis_zavaglia_PD.pdf. Acesso em: 22/06/2011

ZULUAGA, Alberto. **Introducción al estudio de las expresiones fijas**. Frankfurt: Lang, 1998.

DICIONÁRIOS

MOLINER, María. *Diccionario de uso del español*. Madrid: Gredos, 1999.

GARCÍA BENITO, Ana Belén. *Diccionario de Expresiones Idiomáticas – Español/Portugués.* 2 ed. Mérida: Junta de Extremadura, 2006.

Gran Diccionario Español/Portugués - Português/Espanhol. Madrid: Espasa-Calpe/SBS, 2001.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1 CR-ROM.

LAROUSSE. *Gran diccionario de frases hechas*. Barcelona: Spes Editorial, 2001

MORENO, F.; GONZÁLEZ, N. M. *Diccionario bilíngue de uso Español/Portugués e Português/Espanhol.* 2 volumes. Madrid: Arco Libros, 2003.

PENADÉS MARTÍNEZ, Inmaculada. **Diccionario de locuciones adverbiales para la enseñanza del español**. Madrid: Arco Libros, 2005.

Señas - Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños – Universidad Alcalá de Henares. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VARELA, Fernando; KURBATH, Hugo. **Diccionario fraseológico del español moderno**. Madrid: Gredos, 1994.

Angélica Karim Garcia Simão

Professora de tradução da área de língua espanhola no curso de Bacharelado em Letras - Tradutor (UNESP/São José do Rio Preto). Especialista em língua espanhola (AECI-Madri), mestre em Estudos Linguísticos (UNESP) e doutora em Letras (Língua Espanhola/USP). É autora do livro Xeretando a Linguagem em Espanhol (Disal).